









EU SOU A ÁRVORE POSSIDÓNIO CACHAPA







PRIMEIRA PARTE



I



Nenhum de nós sabe o que sente Hyperion entre as árvores de Redwood. Ou o que avista esta sequóia gigante ao sobrancear o resto da floresta, cento e quinze metros acima do solo.

Por cima tem apenas o céu. O bojo cheio de bichos de toda a espécie, que nela escavam e se instalam como se fossem um prolongamento do seu próprio corpo.

O que sente a mais alta das plantas, Hyperion, a que não vai a lugar algum?

Sonhará a árvore com o som dos seus membros a quebrar, com a dor gigante de quem cai de uma descomunal altura, com a vibração dolorosa das coisas que se partem, a vir desde as raízes mais fundas até à última das folhas?

Que medo do escuro pode sentir Hyperion, a mais forte de todas as árvores?

*

Estavam quase a terminar a carne assada no forno e o molho espesso ainda escorria pelos cantos da boca de alguns, quando Samuel colocou a cara entre as mãos e começou a chorar.

«Estou cansado», disse. «Tão cansado...»

E quanto mais repetia a palavra, mais os lábios lhe tremiam e o pranto aumentava de tom.

Em volta da casa, os sobreiros agitavam-se, devagar, com a estudada lentidão das árvores de grande porte. A terra a seus pés estava escura, como se a maior parte da luz se tivesse infiltrado em direcção ao seu centro, à sua raiz. O bando de corvos levantou as asas pretas, prontos a partir, os bicos orientados a norte, os olhos brilhantes seguindo os dois melros parados ali perto, entretidos ainda nos frutos. Por fim, um destes moveu-se sobre o ramo grosso, aspirou a humidade que chegava e, com um pequeno pio, voou dali. Foi o sinal para que todas as aves se lançassem para fora da protecção da copa. Formando uma manta escura que descobrisse, súbita, a árvore, criaram formas elípticas e ovais, cruzadas e descruzadas, afastando-se no ar pesado.

As mãos de Laura, a filha mais velha, pegavam nesse instante na saladeira decorada, que quase nunca tinham usado, tremendo ligeiramente. Tocara, sem querer, no braço do pai, sem saber o efeito que provocaria. O irmão, Esperanto, tinha a cabeça baixa e mexia nervosamente num dos talheres.

Nesse instante, Brooke, a neta mais velha, aproveitou para estender a mão e espetar o garfo num novo naco de vaca, fazendo Laura pousar a peça de louça e, com um só olhar, remeter a filha ávida para o seu canto da toalha.

Ninguém se atrevia a olhar directamente o patriarca, que chorava agora quase em surdina. Os seus ombros estremeciam de um pranto tão profundo que, em vez de dar mostras de vir a sossegar com o tempo, crescia a cada momento.

«Bem...», começou ainda a dizer Matheus, o genro, que, por mal o conhecer, nunca vira aquele homem grande chorar. Na verdade, os filhos também não.

A barba quase inteiramente grisalha de Samuel estava agora húmida da saliva que lhe caía da boca e das lágrimas que desciam em caudal pelas maçãs ossudas e ali se deitavam, como um cão à porta do dono.

«Estou tão cansado», tinha dito, apoiando os cotovelos sobre a toalha branca, bordada, saída da gaveta para comemorar o reencontro familiar. E por todos os orifícios do rosto se haviam libertado as águas, inundando a sala e levando de arrasto todos os que tinham crescido à sombra das suas pernas fortes ou sentido a mão calosa e escurecida pelo sol assentá-lhe na cara, ora terna ora violenta.

O genro e os netos sentiam-se embaraçados com o soluçar inesperado. Mas, ao contrário de Laura, não estavam comprometidos com ele. Não era seu este pai que rachara por dentro, nem qualquer destas palavras estava ligada aos seus próprios passados. Tinham ainda (mesmo tentando evitá-lo, quase sem querer) o pensamento na refeição: na vaca morta e dissecada, no molho espesso vertido da molheira ao lado, no vinho ou no refrigerante de pacote que aguardavam no descanso dos copos.

Matheus pegou no filho mais pequeno, pousou-o no chão e, com um gesto, pediu a Brooke que fosse brincar para a sala. Ficaram apenas os três adultos a olhar o homem que não conseguia conter o pranto.

Laura lembrou-se subitamente de que era filha e mãe e começou a estender a mão na direcção de Samuel. Porém, o braço esticado não tinha comprimento suficiente para chegar ao homem. Sentindo-se de novo muito jovem, olhou o irmão, que também a observava, e viu na claridade do rosto de Esperanto uma outra luz, perturbadora.

Voltou a sentir a areia sobre a boca, o vento incómodo e quente das dunas, o peso do corpo de Mário a ser arrastado com custo.

*

Plínio, *o Velho*, depois de viajar pelos cantos do Império Romano, morreu sob as cinzas do vulcão, em Pompeia. Não conseguiu tornar a levantar-se do lugar onde se teria deitado voluntariamente, mesmo com a ajuda dos companheiros, que o deixaram assim, evitando olhar para trás, como se também os seus rostos pudessem mutar-se em pedra. Plínio, agora estátua de lava, foi encontrado onde o deixaram. A sua existência de navegador e naturalista terminara tal como o próprio tinha previsto: das árvores à pedra, do humano ao mineral. «Resta agora...», escreveu, «falar das produções vegetais da terra, as quais estão igualmente longe de estarem destituídas de um espírito vital (porque, de facto, nada pode viver sem elas), para que possamos proceder à descrição dos minerais extraídos dela, e dessa forma nenhum dos trabalhos da Natureza pode ser ultrapassado em silêncio». E prosseguiu, na sua *Naturalis Historia*, referindo como os homens abrem chagas no corpo para pendurarem esmeraldas, como esventram as montanhas para lhes extrair o mármore, como o colher das coisas vivas

passou à voracidade de tudo. A alma está em todas as coisas. A começar nas árvores. Ou assim acreditava Plínio.

Escreveu-o para as gerações vindouras, como quem enterra um segredo antigo, junto à embocadura de um rio ibérico por onde terá passado. Debaixo dos seus pés, restos de madeira que serviram aos povos anteriores para construir as suas casas. Antes de uma civilização existiu outra. E antes dessa, outra. E assim sucessivamente, até só restar a terra, de novo virgem, com as suas florestas crescentes.

Todas as árvores caminham sobre o Tempo, sobre a passagem das estações, porque nenhum outro movimento lhes resta. Existem, simplesmente, dividindo-se entre o corpo visível que se estende à luz e o corpo inferior que vive de forma encoberta.

Os seus frutos, contudo, são esperanças perdidas, Verão após Verão. Imagens do desejo de poder ser mais do que braços a estender-se ao céu, ao vento, à impiedade dos pássaros. Da vontade que todo o corpo, o poderoso corpo, pudesse sair da terra, com duas pernas móveis, e a fizesse estremecer de medo quando uma delas voltasse a pousar na superfície.

«Toma os meus frutos, com os meus filhos dentro, que são eu, na forma primitiva, e faz de mim um ser que corre», pedem as árvores aos deuses, na sua súplica.

Mas estes ficam calados no silêncio compadecido que os deuses guardam para homens e árvores. O calar forçado de quem sabe que a cada um de nós cabe apenas o seu destino. Os deuses apenas passam a mão sobre os grandes corpos vegetais, enviando-lhes a chuva mansa que os dessedenta e reconforta.

Sob o chão húmido de cada árvore vivem milhares de sementes que nunca subirão à superfície. Guardam-se em

potência para um tempo que talvez possa chegar. Para os dias em que todas as coisas poderão nascer e prosperar lado a lado, quais irmãs. O momento em que sobre a Terra viverão apenas as plantas do mundo.

E, então, do Espaço que nunca atingirão, será possível ver apenas as águas e uma mancha imensa, verde e acolchoada.

A terra de todas as árvores.



II

Eram dois e estavam felizes. Inesperadamente juntos, quinze dias antes do previsto. E quinze dias, nesse tempo, pareciam quase uma vida. Um tempo extra coberto de vegetação rasteira e exuberante, de flores púrpuras sobre caules grossos a escorrer seiva.

«Mas como? Mas como?», Laura ria.

«Não sei, o Velho...», e Mário ria ainda mais do que ela.

Os dentes novos e brancos, as bocas duras e frescas. Os dois jovens suspensos no tempo.

«...Ontem à tarde... que se despachou mais cedo, que tínhamos de vir... E eu logo: Na boa, pai. Encantado da vida, foda-se! Bom, não disse foda-se, senão levava logo uma galheta... Mas foi isso, mais ou menos...» E riu de novo. «É pronto, foi assim... Cá estou eu. E tu, chegaram quando?»

As mãos a tocarem-se já. Ainda brancas das aulas terminadas apenas dois dias atrás. Ainda tímidas, por ser tão cedo e terem os pés frios da areia a dormir.

Naquele instante, no apartamento sobre a falésia, os quatro pais estariam a trocar frases de familiar circunstância: o trânsito na ponte que já era muito àquela hora, olha se tivessem vindo mesmo em Agosto; o trabalho na repartição que,

parecendo que não, já custava a aguentar nesta altura do ano; que nunca mais faziam os trinta anos de desconto para a reforma, que aí é que iria ser, praia o dia todo, não mexer uma palha, viver de cu tremido, em vez daquela penúria de andar a estacionar o carro todos os dias num sítio qualquer, longe do trabalho.

E enquanto falassem, o café começaria a deitar por fora da cafeteira de pressão, aquecida aos tremeliques no disco eléctrico do fogão. Num dos quartos, o irmão de Laura dormiria, cansado. Mais de se ter levantado cedo do que da viagem, que fora curta. Virar-se-ia na cama, chateado, por não falarem mais baixo e o impedirem de retomar o sonho húmido dessa madrugada.

Tudo isto deveria estar a passar-se, metros acima, sobre a parte urbanizada da falésia, mas eles os dois, caminhavam, indiferentes e agora perfeitamente abraçados, na direcção das rochas. O seu esconderijo nas rochas. O cheiro a iodo, intensíssimo por ser manhã, os pés a pisarem mexilhões semiquebrados, cobertos de algas e calcários. A carne húmida dos bivalves a pulsar por entre as aberturas.

«Tiveste saudades minhas? Tiveste? Não mintas!»

E ela: «Tive...» E não mentia.

A mão magra de Mário a entrar, sorrateira, por entre os cordões do biquíni de Laura.



III

Samuel estendeu-se debaixo da árvore. Era Maio e tinha trinta e dois anos. Conseguia ouvir a voz da mulher, Jude, a gritar pelo filho. Jude de Judite, que nunca ninguém lhe conseguira chamar, por ser branca e loura, envolta numa leveza incapaz de sustentar a estrutura rígida do nome dado à nascença. «Deveríamos ter-lhe chamado Clara», dissera a mãe, quando ela tinha uns quatro anos. Quando ainda se lembrava de lhe tocar, de vez em quando, os cabelos fofos. Mas agora era tarde para mudar de nome e, aos poucos, o diminutivo fora-se instalando por si. Samuel ouvia-a ao longe, a gritar com Esperanto. Fazia-o naquele tom quase ríspido de quem não queria perder demasiado tempo a ser obedecida. Mas nem Esperanto nem Samuel levavam muito a sério essa modulação. Vinha fundida num amor que denunciava os limites da sua cólera. Não que isso a impedisse de levantar Esperanto no ar com uma palmada forte, de vez em quando. O menino subia uns centímetros em direcção às nuvens cinzentas, o rabo ou a perna em fogo, e o sorriso trocista desaparecia-lhe do rosto por algum tempo. A pele esticada, sedosa, quase dura, tingia-se de um rubor de lágrimas e os dentinhos brancos apareciam tremeluzentes em início de choro.

«Porque me obrigas tu a fazer isto, pá?», dizia ela, irritada.
«Porquê?»

Geralmente não obtinha resposta, porque ele já partira, a cumprir a tarefa ou a corrigir o comportamento. Nessas alturas, a arrelia de Jude diminuía e a sua expressão de beleza jovem voltava a instalar-se, entre o cheiro do sabão e o da água fresca de onde libertava a roupa.

Samuel ouvia-a agora, ao longe, e sorria, pensando que não saberia definir «felicidade» se lhe perguntassem, mas que a paz e o contentamento interior que sentia nesse momento deveriam fazer parte desse estado.

O sobreiro grande gemeu qualquer coisa, empurrado pelo vento. A erva estava ligeiramente húmida, mas sem aquela viscosidade penetrante que possuía, um mês atrás. Samuel reparou que tanto esta árvore como as outras em volta começavam a abrir-se à Primavera, estendendo as folhas cautelosas pelo ar.

«Também me sinto assim», disse-lhe, num murmúrio. «Se tudo correr bem, ainda esta semana, ou o mais tardar na próxima, já cá tenho o tractor...». Pensou novamente na máquina que admirara na feira agrícola. Viu as letras *John Deer* a estenderem-se sobre o *capot* do motor e a forma agigantada da máquina a submeter-se debaixo de si. Os dois a atravessar o campo, onde a terra, dura por cima, escura e húmida por baixo, seria obrigada a ceder à sua força. Os torrões férteis a exporem-se à luz crua da Primavera. À espera de que ele voltasse mais tarde, para a carregar de sementes, de uma forma tão poderosa e definitiva que não restaria à terra outra hipótese que não fosse desdobrar-se em folhas novas. Planta atrás de planta, até que a abundância atingisse a náusea.

Ele, Samuel, ampliado pelo corpo metálico do *John Deer*, dominaria o acaso da fertilidade.

Laura punha a mesa, contrariada. Preferiria estar lá fora a fazer qualquer outra coisa. Nos últimos tempos, arranjava em segredo uma espécie de cabana, a menos de duzentos metros da casa. Numa reentrância do terreno, zona estéril, onde apenas as estevas e um ou outro carrasqueiro cresciam. Samuel raramente ia para aqueles lados, o que era útil ao secretismo e à descoberta. O pai preferia as zonas largas e baixas, onde cultivava as extensões de batatas ou, quando o Verão avançasse, os melões e melancias. Aquela esquina da propriedade não contava para mais nada a não ser, talvez, para os metros da caderneta predial. Mesmo os orégãos que ali medravam tinham concorrência noutras partes da propriedade. Um dos antigos proprietários atirara para ali, em tempos, um conjunto de tábuas e portas que já não lhe serviam. Tapara-as cuidadosamente, com cartões e plásticos, provavelmente a pensar na sua utilização futura. Mas esse dia nunca tinha chegado. O terreno fora vendido e o oleado que cobria os materiais ficara progressivamente coberto de terra, e nesse solo improvisado nascera erva e no meio dela pequenas plantas arbustivas que lá se arranjaram para estender as suas sementes. Laura tinha descoberto esse espólio de tábuas e corrido para contar ao pai. «Pai, pai: descobri uma pilha de tábuas! Pode fazer-me uma casinha com elas?», quis dizer-lhe. Talvez até tenha dito. Mas este não ouviu, porque sulfatava macieiras com a energia excessiva que sempre usava com o campo. As orelhas tapadas aos filhos como aos outros homens. Apenas a voz na cabeça:

«Não me vencerás apenas por eu ter nascido urbano.» E puxava a alavanca do aparelho de sulfatar para cima e para baixo, o veneno a entrar no coração das plantas e de Laura. Tinha corrido, feliz, para ele. Filha para pai. A notícia das madeiras achadas na boca. Mas Samuel limitara-se a fazer-lhe um gesto para que se mantivesse à distância. Pensava, ele, em guardá-la afastada do insecticida, ao fazer «Fica longe! Fica longe!», com a mão livre. Mas não foi isso que Laura leu na palma estendida. Pensou antes, sem querer, no dia anterior, quando também lhe quisera contar à mesa o que tinha aprendido com o rapaz boçal, do monte ao lado, que viera ter com ela, perguntando-lhe o nome. O que conseguira extrair dos seus monossílabos de campo. Mas Samuel não tinha apanhado uma única das suas frases, preocupado em exprimir-se sobre bancos e empréstimos, adubos e sistemas de rega. A mãe continuara a comer, calada, o pensamento longe dali, com aquela expressão de alheamento que Laura conhecia tão bem sem saber o que significava. Tinha-se calado acerca do assunto do rapaz vizinho. E, agora, diante da grande figura recortada contra a luz, voltava a calar-se. «Pai, fiz uma descoberta...», ia dizer, mas não disse. Durante anos e anos, não disse. Voltou-lhe antes as costas, e Samuel continuou a sulfatar a macieira, dialogando consigo próprio.

Há árvores de fruto que morrem se as podam. Abertas aos homens, estão de braços estendidos quando eles chegam. Conhecem-nos. Existem, estáticas, entre os que se movem. Não se assustam logo com o reflexo metálico da tesoura ou com os dentes da serra curta. Não percebem a diferença entre uns dedos humanos e umas pontas de aço, porque não há aço no país em que vivem, no país de húmus e pedra, água e ervas.

Ao primeiro golpe, estremecem. É sempre a tesoura que vai à frente, começa pelos galhos mais baixos como um leão se iniciaria pela cria mais tenra. «CNAC»! E a ponta tomba, ao mesmo tempo que a seiva começa a escorrer. O mecanismo de alarme dispara e a laranjeira, o limoeiro ou a macieira tenta bloquear a saída do que lhe é vital. O sangue das árvores atrai os tubarões dos pastos e do ar, os microscópicos predadores do chão e do céu. Que em breve virão banquetear-se na sua ferida aberta... «CNAC»! Novo golpe, um pouco ao lado, o *stress* a aumentar, a seiva a escapar, os insectos no ar, o homem por cima, a mão macia que se tornou do mesmo aço a segurá-la. Quem dera sair, quem dera fugir. Quem dera ser outra que pudesse reagir de outro modo que não a dor.

E quando a árvore pensa que a tesoura parou de fazer o seu trabalho, entra a serra. A ferrugem na carne fibrosa e doce. De lá para cá, os dentes cada vez mais fundos, sente que vai morrer. Um dos ramos fica suspenso apenas por algumas fibras, antes de cair num farfalhar abafado sobre o pasto. Depois outro. E outro.

Não pensa, já não se pensa. Já não se sente.

Quando, finalmente, o homem se afasta, caminhando pesado pelo mundo, ela fica nua. Exposta. Já não tem braços para abrir.

O que lhe resta de si própria fica lá dentro, fechado.

De novo o Inverno, descido, inesperado, sobre o seu corpo confiante.